

À FLOR DA PELE

A película de tinta é o ponto de partida de Mário Fraga, que cria na tela texturas epidérmicas, pelos e peles que mostra na Petite Galerie. A exposição reúne trabalhos de 2 anos para cá, em que o artista faz o caminho que vai do mundo da natureza ao mundo da cultura, como se as telas constituíssem a narrativa de uma história. Tudo começou em uma viagem de Mário à Amazônia, onde se impressionou com a devastação com que passa a região. Seus trabalhos começaram a se afastar da figuração que praticava antes, para dar lugar a um “mergulho microscópico”, como ele diz, no que viu por lá.

O resultado foram telas de grande formato em que o pelo dos animais é o tema central, cobrindo a superfície do quadro com padrões regulares a um tempo decorativos e expressivos. São peles de onça, zebra, tufos que lembram rabos de animais felpudos e , mais recentemente, peles de batráquios, reminiscências dos dendrobatas que envenenaram o naturalista Ruschi. Aos poucos, as peles de animais foram substituídas pela pele humana. Nos últimos trabalhos, a figura volta a dominar o espaço, como se o artista estivesse saindo do mergulho microscópico para assumir novamente o ponto de vista tradicional da pintura, ligeiramente recuado.

Neste recuo, percebe-se que Mário começou a ficar limitado por seu material, e que a película de tinta poderia ser abandonada em favor de um tratamento mais denso. Especialmente na homenagem que Mário faz a Duchamp. **Nu Descendo**, o artista poderia ter explorado mais os contrastes entre a tinta diluída e a tinta empastada, pois a pincelada é por demais uniforme para criar a variedade que o trabalho pede. Isto pode ser o estímulo para a abertura de um novo caminho para Mário, explorando mais possibilidades que a pintura apresenta.

Reynaldo Roels Jr.

A natureza juntou um dia,
As cores num feixe – o arco íris.
Mário Fraga soltou-as.
Entregou-as de volta, ao espaço
E as formas, as cores, as suas origens...

Sérgio Bernardes